



# Uma análise histórica sobre a organização WikiLeaks em 2010<sup>1</sup>

A historical analysis on the WikiLeaks organization in 2010

**Rafael Trindade Pellegrini**

Graduado em História

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

rafatpellegrini@gmail.com

**Recebido em:** 08/01/2017

**Aceito em:** 19/05/2017

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar a organização de ativistas e *hackers high-tech* WikiLeaks, grupo de cunho político que atua na divulgação de informações confidenciais de Estados, corporações e instituições no decorrer do início do século XXI. A análise foi feita a partir de documentos divulgados pela organização em 2010 sobre os Estados Unidos da América, trazendo relatos militares confidenciais sobre as guerras no Afeganistão (2001) e Iraque (2003), de que ambas foram desastrosas para os países do Oriente Médio com seus “banhos de sangue”. Da mesma forma, a opinião dos diplomatas estadunidenses influenciou diretamente no movimento revolucionário Primavera Árabe (2011), por evocar memórias legadas ao esquecimento naquela região. A WikiLeaks evidencia que os documentos publicados são fontes preciosas de investigação, que nos possibilita ampliar a compreensão de como os grandes centros capitalistas, principalmente os Estados Unidos, em escala local e global, tentam gerenciar nosso planeta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo presente, Hipermmodernidade, WikiLeaks.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the organization of high tech activists and hackers. WikiLeaks, a group of political interests that has operated the confidential information dissemination of states, corporations and institutions in the beginning of the XXI century. The analysis was made from documents released by the organization in 2010 about the United States of America, bringing confidential military reports relative to the wars in Afghanistan (2001) and Iraq (2003) about their being catastrophic for the countries in Middle East with their massacre. The opinion of the American diplomats has also affected directly in the revolutionary movement Arab Spring (2011) for evoking memories doomed to forgetfulness in that region. The WikiLeaks highlights that the published documents are precious sources of investigation, that enable us to expand the comprehension of how the large capitalist centers, mainly the United States in local and global scale, try to manage our planet.

**KEYWORDS:** Present time, Hypermodernity, WikiLeaks.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi feito a partir da monografia “WikiLeaks e as Relações Internacionais Menos confidências e Mais transparências no Tempo Presente”, apresentada em 2016 ao curso de Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB - Vitória da Conquista - Bahia), como requisito parcial o título de docente licenciado. Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Pereira Silva.



## Introdução

No ano de 2010, a divulgação de centenas de milhares de documentos confidenciais, diplomáticos e militares pela WikiLeaks<sup>2</sup> acrescentou uma nova dimensão ao aprofundamento contraditório da globalização do século XXI. A revelação, num curto período, não só referente à documentação que se sabia existir, a qual durante muito tempo foi negada ao acesso público por parte de quem a detinha, como também referente à documentação que mantinha a sua existência desconhecida, dramatiza os impactos originados pela revolução das tecnologias de informação com a ampla divulgação de informações. Esses fatores nos proporcionam repensar a natureza dos poderes globais (*establishment*) e as resistências (*undergrounds*) que podem desafiar no ambiente virtual da internet. Porém, dentro dessa conjuntura, faz-se necessário levantar uma indagação perante as divulgações da organização WikiLeaks: irá o mundo mudar depois destas revelações? Entender o contexto histórico que antecede as divulgações da WikiLeaks é crucial para compreender os motivos que proporcionaram a organização ganhar grande visibilidade pelo globo.

No século XXI, encontramos um período de grande desenvolvimento econômico do capitalismo, principalmente por sua movimentação em escala planetária e em tempo real. De acordo com Erik Reinert<sup>3</sup>, é preciso conhecer as estruturas econômicas historicamente para identificar os problemas que presenciamos hoje, sejam elas em escala local ou escala global. Este economista, ao buscar interpretar como tudo aconteceu até os dias atuais, como países ficaram ricos e ainda permanecem e outros continuam pobres, analisa a teoria liberal de David Ricardo como base ideológica para tal contexto. Reinert ao visitar o maior aterro sanitário do Peru levantou a seguinte indagação: “Como funciona esse mercado que recompensa o mesmo nível de produtividade com remunerações tão desiguais em países diferentes?”<sup>4</sup>.

A teoria ricardiana estabelece que se o Estado deixar o mercado a suas próprias leis, sem haver intervenções governamentais, significa que os países que se enquadram nessa lógica podem alcançar um mesmo bem-estar social como os países ricos, com equidade nos valores dos produtos, salários e serviços. Após a queda do Muro de Berlim em 1989, Francis Fukuyama<sup>5</sup> acreditava que tínhamos chegado ao “fim da história”. Em suas palavras “a democracia liberal

---

<sup>2</sup>A palavra Wikileaks é uma junção de dois termos em diferentes línguas. Wiki vem do idioma havaiano e significa extremamente rápido. Leak em inglês quer dizer vazamento.

<sup>3</sup>REINERT, Erik. **Como os países ricos ficaram ricos... E por que os países pobres continuam pobres**. Trad. Caetano Penna. 1 ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

<sup>4</sup>\_\_\_\_\_. **Como os países ricos ficaram ricos...**, p. 42.

<sup>5</sup>FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.



continuará como a única aspiração política corrente que constitui o ponto de união entre regiões e culturas diversas do mundo todo”<sup>6</sup>. Não haveria precedente para os níveis de desenvolvimento proporcionados, tanto para os países industrializados quanto para os países pobres. Estes últimos receberiam uma série de investimentos sociais visando uma igualdade de oportunidades a todos os cidadãos do mundo. Criou-se com isso uma utopia concreta de que o livre-mercado mundial, o “mundo sem fronteiras”, nivelaria as diferenças econômicas entre os países e os problemas enfrentados por estes seriam resolvidos.

Em contrapartida ao “fim da História” de Fukuyama e da teoria de Ricardo, atualmente, no contexto de intensificação da globalização financeira, na medida em que o comércio mundial se expande também se ampliam as diferenças entre as nações, agravando a situação dos países que não passaram pelos processos gradativos de industrialização, o que leva o economista norueguês Erik Reinert a ver com discordância a teoria liberal ricardiana. O livre-mercado só é benéfico às nações industrializadas e ricas, uma vez que por terem diversos setores da economia diversificados, conseguem levar seus produtos às mais diferentes nações. Mas, e os países pobres? Se eles não passaram por efetivas transformações industriais, como conseguirão adentrar ao mercado global do livre-comércio e competir de forma igual com as nações ricas?

As relações entre os países ocorrerão de forma em que as trocas comerciais se darão de forma desigual, assimétrica. Em contrapartida à concepção de Fukuyama e pelos ideais da teoria ricardiana do livre-mercado, a ideologia neoliberal propagada em todo o globo após a Guerra Fria pelas instituições estadunidenses, como o Conselho de Washington, FMI, Banco Mundial, OMC, nos países pobres se transformou na realidade em fome, penúria, guerras, colapso social, baixa expectativa de vida, recursos escassos e desigualdade econômica<sup>7</sup>. Esses problemas, que são quase inexistentes nos países ricos, nos países pobres tornaram a realidade cruel, e impossibilitou espaço para “harmonia” entre os povos locais e muito menos entre as nações. O livre mercado criou riquezas em múltiplos contextos, mas em outros além de reduzir, trouxe consigo problemas que eram poucos visíveis.

Os problemas foram criados e estão estabelecidos. Eles ocorrem em escala local, mas estão acontecendo por todo o globo. Para tanto, no final do século XX e início do XXI, a concepção de “governança global” surgiu para explicar e interpretar as transformações que estavam acontecendo pelo mundo. Este conceito evoca a ideia de uma governação global sem um

---

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_, *O fim da História e o último homem*, p. 12

<sup>7</sup> REINERT. *Como os países ricos ficaram ricos...*



governo mundial. A conceituação da governança veio se referir aos esforços coletivos globais para identificar, compreender ou resolver problemas mundiais, como: fome, meio ambiente, direitos humanos, democracia, terrorismo, armas nucleares, liberdade de expressão, desigualdade econômicas, dentre outros. Pode-se perceber que houve um englobamento de problemas, estes que tiveram um amplo crescimento através da incorporação dos países pobres à lógica do livre comércio.

A ideia que a governação global proporciona se encontra em três princípios axiomáticos: primeiro, entender o caráter dos problemas globais; segundo, quem são os atores globais; e, terceiro, as limitações das medidas internacionais para governar o planeta. Desses três pontos, duas coisas a se posicionar: em primeiro lugar, não adianta apenas entender os problemas, mas trazer e discutir soluções de modo democrático; em segundo, é necessário capacitar o sistema internacional para melhorar sua utilização e eficácia, ou seja, as ideias são tão importantes quanto o próprio sistema, os discursos e os interesses.

A governação global se entrelaça no princípio cosmopolita da cidadania mundial.<sup>8</sup> O indivíduo cosmopolita se enquadra como expoente dentro deste contexto. Como vivemos em um mundo com relações complexas e integradas entre o mercado mundial, o Estado e a sociedade civil, na globalização do século XXI existem problemas globais como já foi exposto, e se faz necessário o desenvolvimento do ser humano cosmopolita para gerar soluções.

O projeto cosmopolita evidencia a possibilidade de que a democracia necessita ser realizada como uma forma de governança global, dentro dos Estados, entre os Estados e no nível mundial. Para tanto, na ausência de um governo global, a ONU se incorpora enquanto uma agência de nível mundial, sendo composta por representantes de todos os Estados existentes. A organização tem o papel e licenciamento de intervir em qualquer lugar que seja de interesses globais, sendo estes: guerras, paz, direitos humanos, terrorismos, etc. Abaixo da ONU, é possível evidenciar uma rede de Estados ou organizações não governamentais transnacionais que discutem as questões de interesse global, principalmente na área político-econômico, que influenciam nas relações internacionais entre países, instituições e organizações.

---

<sup>8</sup>Segundo Frédéric Vandenberghe “O cosmopolitismo pressupõe uma cosmologia, uma visão englobadora do lugar do gênero humano no universo, e também uma filosofia da história que delinear uma visão [...] de sua unidade na diversidade”. VANDENBERGHE, Frédéric. **Um estado para o cosmopolitismo**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n90/07.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2017.



A influência dessas redes transnacionais sobre os Estados nacionais é particularmente útil quando os movimentos locais são confrontados com Estados não democráticos, repressivos ou, de alguma forma, não responsivos. Quando um Estado é relativamente imune à pressão local direta, e ativistas ligados a outros lugares têm melhor acesso aos seus próprios governos através de informações, eles podem engatilhar um “efeito bumerangue, que dobra a indiferença e a repressão em torno do Estado local para pôr pressão estrangeira sobre as elites políticas locais”<sup>9</sup>.

Um exemplo de uma rede transnacional com princípios cosmopolita, democrático, e ciberativista é a organização que atua por meio da internet, a WikiLeaks, grupo político com membros de diversos países que atuam na divulgação de informações confidenciais de Estados, corporações e instituições ao decorrer do século XXI através da rede mundial de computadores. É sobre esta organização transnacional que este artigo se norteará, ao delinear o contexto de surgimento da organização e os impactos que a mesma proporcionou. Os documentos divulgados são fontes preciosas de sondagem que nos possibilita englobar como os grandes centros capitalistas e seus agentes, em escala local e global, gerenciam nosso planeta.

Em 2010, a organização em parceria com jornais da grande mídia mundial como *The Guardian* (Reino Unido), *Der Spiegel* (Alemanha), *The New York Times* (EUA), *Le Monde* (França) e *El País* (Espanha), divulgaram mais de 70 mil relatórios militares secretos sobre a Guerra no Afeganistão, mais de 400 mil relatos de campo na Guerra no Iraque e mais de 250 mil relatórios diplomáticos das embaixadas dos Estados Unidos da América ao redor do mundo. Foi o maior vazamento de documentos oficiais da história de um governo. Basta lembrar que os EUA é uma das principais potências do globo com influência em diferentes regiões do planeta por meio de suas instituições.

Para a consecução do artigo, será feita uma análise de como se encontra a atual conjuntura do capitalismo neoliberal, na qual teremos por intuito uma compreensão macro da realidade vivenciada nos principais centros do universo capitalista. Para isso, evidenciaremos a compreensão do que Giles Lipovetsky<sup>10</sup> denominou por hipermodernidade, demonstrando também a eclosão do que Castells<sup>11</sup> designou por informacionalismo, apontando a hegemonia liberal e a internet como partes iniciais ao processo de interconexões em escala mundial por meio

---

<sup>9</sup>KECK, M; SIKKINK, K. **Activists Beyond Borders. Advocacy Networks in International Politics**. Ithaca: Cornell University Press, 1998, p. 200.

<sup>10</sup>LIPOVETSKY, Giles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

<sup>11</sup>CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**; Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.



das tecnologias inteligentes. Além disso, investigaremos o que se idealiza por Nova Mídia, o modo de comunicação de massa e universal de nossos dias.

Em seguida, apontaremos quem e o que são os *Cyberpunks* a partir da cultura *hacker* e livre circulação de informações, salientando a relevância da organização WikiLeaks enquanto rede transnacional com ideais cosmopolitas que visa a exposição pública de informações sigilosas. Serão elencados os impactos dos documentos divulgados em 2010, tendo como base quatro momentos importantes: a divulgação do vídeo *Collateral Murder*, as contradições e “banhos de sangue” da Guerra ao Terror dos Estados Unidos e aliados contra o Afeganistão (2001) e Iraque (2003) em busca de terroristas internacionais que, segundo eles, tinham armas de destruição em massa; e as informações confidenciais de documentos diplomáticos acerca dos principais líderes mundiais, principalmente do Oriente Médio, ocasionando no movimento revolucionário Primavera Árabe. Apropriamo-nos de artigos e vídeos, bem como considerações do sociólogo Zygmunt Bauman<sup>12</sup>, dos jornalistas David Leigh & Luke Harding<sup>13</sup> e José Antonio Domingos e Sérgio Pereira Couto<sup>14</sup>.

### Uma análise histórica sobre a organização WikiLeaks em 2010

As sociedades capitalistas incorporaram nas relações humanas a intensificação do uso das tecnologias da informação nesta primeira quinzena do século XXI. Contexto que marca um novo estágio desses povos, iniciada com a democratização da internet e assinalada com o desenvolvimento da computação sem fio. Essa informatização da sociedade que iniciou no século passado parece estar estabelecida nas principais cidades ocidentais e orientais, e em alguns centros de países emergentes. Elas se integraram em redes de organizações, interligadas via tecnologias inteligentes, proporcionando uma melhor desenvoltura na produção/reprodução das práticas capitalistas.

As redes, de acordo com Manuel Castells, “constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura”<sup>15</sup>. Uma rede pode ser definida como um conjunto de nós interconectados, seja entre indivíduos, máquinas ou entre

---

<sup>12</sup>BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

<sup>13</sup>LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas: Verus, 2011.

<sup>14</sup>DOMINGOS, J. A.; COUTO, S. P. **WikiLeaks: Segredos, Informações e Poder**. Bauru: Editora Idea, 2011.

<sup>15</sup>CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede – A era da informação: Economia, Sociedade e Cultural**. Trad. Roneide Venâncio Majer; São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006, p. 565



ambos e, atualmente, ganhou uma “nova vida” ao converter-se em redes de informações impulsionadas pela internet sem fio, mais flexíveis e adaptáveis.

Essa nova forma de se comunicar e obter informações sobre qualquer assunto do planeta foi apresentado com a *World Wide Web* (WWW), a rede mundial de computadores. Nesse universo virtual que se descortinou, como não perceber a amplitude do mundo digital e seus avanços tecnológicos que, em uma velocidade exorbitante vem fazendo parte do nosso dia a dia? A mídia foi ampliada de tal forma que podemos ter acessos aos mais diferentes assuntos de toda parte do mundo, e a internet transformou-se nessa hipermídia que oferece esse serviço.

Hoje, essa interconectividade da rede é essencial para os governos em quase todas as áreas de sua atuação, principalmente na gestão de política externa. A importância da internet para o Estado é inegável e crescente, mesmo que essa dependência em relação às novas tecnologias possa também se reverter em vulnerabilidades, e que, quando apropriadas por atores não-estatais essas mesmas tecnologias possam ser utilizadas para contestar, influenciar ou desafiar o poder estatal através da nova mídia.

O poder da nova mídia e a quantidade de mudanças acarretadas por esse recurso que permite acesso a uma gama de informações tem avançado rapidamente.

A mídia permitiu que se desse aos indivíduos maior autonomia de pensamento e de ação, com a oportunidade de constituir opinião própria sobre um número sempre maior de fenômenos. [...] As nossas sociedades se caracterizam não pelo consenso, mas pelo debate permanente, para o qual a mídia contribui muito [se dedicando] ao antagonismo permanente dos discursos.<sup>16</sup>

Nos últimos anos diferentes formas, meios, e produtos foram apresentados para termos acesso instantâneo sobre qualquer informação do mundo. Seja através dos *smartphones*, tablets, *ultrabooks*, TV's a cabo, etc., as inovações tecnológicas transformaram o conceito da “velha mídia” que existiu até o final da década de 90, como televisão, rádio ou jornal.

A mídia velha divide o mundo entre produtores e consumidores: nós somos autores ou leitores, emissores ou telespectadores, animadores ou audiência; como se diz tecnicamente, essa é a comunicação um-todos. A nova mídia, pelo contrário, dá a todos a oportunidade de falar assim como de escutar. Muitos falam com muitos – e muitos respondem de volta.<sup>17</sup>

Essa cobertura midiática permite que pessoas ao redor do mundo sejam informadas e tenham acesso às imagens dos acontecimentos internacionais no instante em que os fatos se

---

<sup>16</sup>LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, J. **A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. Lisboa: Edições 70, 2011, p.10.

<sup>17</sup>DIZARD, Wilson. **A Nova Mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 2000, p.23.



desenvolvem. Essa condição exige dos líderes políticos a consciência de que suas ações podem ser observadas e suas decisões julgadas por uma opinião pública que transcende as fronteiras de seus Estados. Por isso também esse fenômeno exige processos de tomada de decisão mais rápidos, e acaba por encurtar as etapas de formulação de políticas, especialmente em cenários de crise, afetando fundamentalmente, com isso, a dinâmica da política internacional<sup>18</sup>.

A nova mídia, que teve por base a “revolução do microchip (Terceira Revolução Industrial na década de 1970) estava mudando as relações internacionais”<sup>19</sup>. A atual revolução da informação baseada nos avanços tecnológicos do computador, das comunicações e do *software*, promove a ascensão de redes transnacionais conectadas eletronicamente e com potencial para desafiar o monopólio da burocracia tradicional<sup>20</sup>, permitindo a agentes não estatais, como ONGs, e inclusive indivíduos, maior influência sobre a política internacional.

A partir da criação de sítios na internet, e pelo grande número de pessoas que têm acesso a eles de qualquer lugar do planeta, movimentos *undergrounds* começaram a surgir no mundo virtual buscando resoluções para o mundo concreto. Alguns grupos tinham por objetivo instituir um legado na rede com a utilização da criptografia, uma vez que a sua utilização seria uma maneira de burlar o controle que os Estados vinham desempenhando no controle da internet.

Os *cyberpunks* podem instituir um novo legado na utilização da criptografia por parte dos atores do Estado: um legado para se opor às opressões internacionais e dar poder ao nobre azarão. [...] A solidariedade entre grupos com uma causa em comum e o projeto de emancipação global. [...] Os *cyberpunks* exercerão seu papel na construção de um futuro mais justo e humano. É por isso que é importante fortalecer esse movimento global.<sup>21</sup>

Esse movimento global que o mundo passaria a compreender em sua concretização viria em 2010 pela organização WikiLeaks mediante nova mídia, com a divulgação de documentos pertencentes ao governo dos Estados Unidos da América. A nova mídia proporcionou aos grupos reacionários ir de encontro ao *establishment* da nova ordem mundial. A WikiLeaks ganhou relevância e divulgou diversas informações confidenciais de líderes estatais, empresariais ou organizacionais de várias partes do planeta. Desde 2006, Julian Assange, cosmopolita, fundador e idealizador dessa rede transnacional, tem publicado com sua equipe documentos sigilosos que

---

<sup>18</sup>FINEL, B.; LORD, K. (Eds). **Power and Conflict in the Age of Transparency**. New York: Palgrave, 2000, p.4.

<sup>19</sup> Cf. Burt e Robinson: “The microchip revolution (Third Industrial Revolution in the 1970s) was shifting international relations”. BURT, R.; ROBISON, O. **Reinventing Diplomacy in the Information Age**. CSIS Report: Washington, 1998, p. 14.

<sup>20</sup>NYE, J. **O paradoxo do poder americano**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p. 101.

<sup>21</sup>ASSANGE, Julian. **Cyberpunks: liberdade e o futuro da internet**. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Boitempo Ed., 2013, p.22.





comprometeram e ainda comprometem tais instâncias de poder. Mas, o que vem a ser a WikiLeaks?

Nas palavras de Assange “a WikiLeaks é uma série de coisas. É um *website*, uma tecnologia funcional, um caminho que está associado a uma filosofia que a gente vem disseminando. É também uma rede de pessoas que acreditam em algo”<sup>22</sup>. É uma organização com características de jornalismo investigativo, que possui uma robusta criptografia (semelhante à utilizada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos) que dá total anonimato à suas fontes, além de uma incrível base de dados que faz o leitor ter acesso a milhões de documentos confidenciais em tempo integral, de sua nação e do mundo.

As pessoas que estavam descontentes com o modo de gestão de empresas ou governos onde trabalhavam começaram a ver com bons olhos os ideais e o modo como transcorria a divulgação de documentos confidenciais.

Em termos de história da Internet, nunca se viu uma página assumir uma posição de vanguarda de maneira tão evidente. É como se, de repente, todo o acesso que se necessita para entendermos o mundo das administrações públicas estivesse a um clique de distância.<sup>23</sup>

Os documentos publicados serviram para abranger como a internet viabilizou um novo meio para noticiar as contradições por trás das relações internacionais, da memória oficial divulgada no Tempo Presente.<sup>24</sup> A publicação do *Cablegate*, documentos diplomáticos estadunidense, interferiu em múltiplas relações dos EUA com outros países porque trouxe à tona informações comprometedoras dessa nação e seus aliados. Exemplo disso, no Oriente Médio e norte da África, o impacto desses documentos abalou os laços norte-americanos com países locais por evocar memórias reveladoras sobre a atuação da potência ocidental nessa região, também serviram para intensificar a insatisfação popular contra os líderes estatais que tiveram seus poderes questionados diante de lembranças comprometedoras acerca de suas práticas governamentais, e intensificar o movimento revolucionário da Primavera Árabe.

No contexto atual, os governos não têm de prestar contas só aos seus cidadãos, têm menos controle sobre suas agendas, desfrutam de menos liberdade de

---

<sup>22</sup>TRIP, Revista. **Julian Assange do WikiLeaks**.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fU77aLDd8SM> Acesso em: 19 de novembro de 2016.

<sup>23</sup>DOMINGOS; COUTO. **WikiLeaks: Segredos, Informações e Poder**, p. 179.

<sup>24</sup>De acordo com Eric Hobsbawm “O tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, a olhar, em função do resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação”. HOBBSAWM, Eric apud FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Petrópolis: Cultura Vozes, 2000, p.9.



reação ante aos acontecimentos, e já dividem espaço com outros importantes atores não-estatais.<sup>25</sup>

De acordo com Michael Pollack, quando “as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acopla a essa disputa da memória”. Isto porque, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”<sup>26</sup>. Dessa forma, essas memórias subterrâneas que foram divulgadas pela organização através de documentos confidenciais é fruto de um contexto em que existe uma ampla interconexão entre os países por meio de contratos políticos, econômicos e sociais. Este contexto, conhecido como Hipermodernidade, é onde se encontra o amplo desenvolvimento das organizações transnacionais com ideais cosmopolitas no capitalismo neoliberal. Todavia, o que vem a ser a hipermodernidade? Qual a relação existente entre este contexto e o desenvolvimento da organização WikiLeaks?

De acordo com Giles Lipovetsky<sup>27</sup>, a percepção do mundo a partir dessas múltiplas informações divulgadas pela WikiLeaks é fruto de um contexto hipermoderno, estabelecido nesse processo virtual de unificação do planeta que interfere diretamente na vida de quase todos os cidadãos. No seu livro *Tempos Hipermodernos*, o filósofo francês fez uma abordagem que busca interpretar a configuração do mundo em que vivemos. Em suas palavras, a hipermodernidade

Organiza-se em torno de quatro polos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o *hipercapitalismo*, força motriz da globalização financeira; a *hipertecnificação*, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o *hiperindividualismo*, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante desprendido das coerções comunitárias a antiga; o *hiperconsumo*, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil.<sup>28</sup>

E continua ao afirmar que essa “sociedade liberal [é] caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade, indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer”<sup>29</sup>. Os tempos hipermodernos é uma macrodefinição para analisar a atual conjuntura do planeta que se estabelece em quatro polos indissociáveis, como: o hipercapitalismo, hipertecnificação, hiperindividualismo e hiperconsumo. O hipercapitalismo em suas relações econômicas e políticas foram as bases para que houvesse a mundialização financeira. Os

---

<sup>25</sup>NYE. **O paradoxo do poder americano**, p. 101.

<sup>26</sup>POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 204.

<sup>27</sup>LIPOVETSKY; CHARLES. **Os tempos hipermodernos**.

<sup>28</sup>LIPOVETSKY; SERROY. **A cultura mundo: resposta a uma sociedade desorientada**, p. 6.

<sup>29</sup>LIPOVETSKY; CHARLES. **Os tempos hipermodernos**, p.26.



hiperindivíduos são movidos pelo intenso movimento do consumo, pois fazem com que o ideal do enriquecimento financeiro seja a base de suas vidas. Da mesma forma, existem outros que desenvolveram em si a capacitação cosmopolita para buscar soluções aos problemas vigentes do século XXI.

Dentro da hipermodernidade a forma da sociedade é estabelecida por redes de hiperindivíduos, um conjunto de pessoas interconectadas através da internet que buscam e participam de diferentes comunidades ou grupos virtuais. Advindo disso, a terceira revolução industrial na década de 70 e o surgimento e aperfeiçoamento da rede mundial de computadores desencadeou uma nova ordem mundial de produção e reprodução do capitalismo.

Neste contexto, a organização idealizada por Julian Assange em 2006, surge em um momento crucial da Hipermodernidade, um mundo virtual que proporcionou a exposição de memórias legadas ao esquecimento e que foram divulgadas por meio de documentos confidenciais até então encobertas pelos principais veículos midiáticos e líderes de múltiplos países. Zygmunt Bauman refletiu em seu livro *Modernidade Líquida* a importância de organizações como a WikiLeaks, uma vez que

Os problemas privados não se tornam questões públicas pelo fato de serem ventilados em público; mesmo sob o olhar público não deixam de ser privados, e o que parece resultar de sua transferência para a cena pública é a expulsão de todos os outros problemas “não-privados” da agenda pública. O que cada vez mais é percebido como “questões públicas” são os problemas privados de figuras públicas.<sup>30</sup>

Há grande valor nas informações divulgadas pela organização, a fim de evidenciar os desdobramentos e impactos de memórias privadas que nunca foram divulgadas ao público. Estas memórias virtuais subterrâneas conseguiram invadir o espaço público através da internet ao desafiar as memórias oficiais. Entrementes, qual a filosofia *cyberpunk*? O que é ser um ciberativista dessa filosofia? Como surgiu essa ideia de criar um legado pela utilização da criptografia?

Ter privacidade em tempos de uma sociedade aberta na era digital hipermoderna é algo necessário. Entretanto, tê-la não é o mesmo que ter um segredo. Uma informação privada é uma coisa que alguém não quer que o mundo inteiro saiba; um assunto secreto é uma coisa que alguém não quer que ninguém saiba, em síntese, a privacidade é o poder de revelar-se

---

<sup>30</sup>BAUMAN. *Modernidade Líquida*, p. 83.



seletivamente para o mundo. Em 1993, Eric Hughes publicou *O Manifesto Cypherpunk* que viria inspirar toda uma geração que nasceria junto com a internet.

Nas primeiras linhas do texto de Hughes fica especificado que “privacidade em uma sociedade aberta também requer criptografia. Se eu falo alguma coisa, quero que seja escutado só por quem eu pretendo que escute. Se o que eu digo está disponível para o mundo, eu não tenho privacidade”. E continua, “nós, os *Cypherpunks*, nos dedicamos a construir sistemas anônimos. Nós estamos defendendo a nossa privacidade com criptografia”<sup>31</sup>. Em virtude dessa preocupação, o movimento *cypherpunk* insurgia no final dos anos 80, através de um grupo informal de pessoas interessadas em discutir as políticas de privacidade e segurança na internet. A força de oposição representada pelo movimento *cypherpunk* teve como objetivo principal devolver ao indivíduo o controle sobre a sua própria liberdade em ambientes virtuais. O grupo defendia o uso de sistemas anônimos, nos quais a criptografia de dados desempenhou um papel fundamental.

O grupo de ciberativistas da década de 80 se formou através de uma lista de contatos *online* e do interesse comum em defender os direitos civis contra as implicações do monitoramento governamental. Os *cypherpunks* foram diretamente influenciados pela cultura *hacker*. O ativista e pesquisador da Universidade Federal do Grande ABC (UFABC), o professor Sérgio Amadeu, trabalha com a tese de que estamos entrando na era da “resistência *criptopolítica*”. Para ele, “a criptografia torna-se instrumento político a ser amplamente incorporado pelos movimentos de resistência ao poder da análise e à biopolítica de modulação executada pelas grandes corporações, de tecnologia e de rede”<sup>32</sup>.

As ações dos *cypherpunks* tiveram grande influência no modelo e na política da internet que se desenvolveu. As questões defendidas por eles continuam presentes e ainda geram muita discussão em todas as instâncias da sociedade, especialmente porque o meio digital é utilizado cada vez mais para realizar as mais diferentes operações, tomando controle de todas as esferas sociais. É sob esse aspecto do controle das comunicações digitais que surgiu a figura de Julian Assange, ao divulgar uma série de publicações de documentos secretos e vazamento de informações através da organização WikiLeaks.

---

<sup>31</sup>HUGHES, Eric. **Manifesto Cypherpunk**. Disponível em: <http://lucasteixeira.com/blog/2010/08/07/manifesto-cypherpunk/>. Acesso em: 19 de novembro de 2016.

<sup>32</sup>PELLEGRINI, Rafael T; PELLEGRINI, Ramon T. Marco Civil: Liberdade e o Futuro da Internet. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, vol.6, n.12, p. 265-270, jun. 2014, p. 70.



No ano de 2006, o hiperindivíduo cosmopolita Julian Assange idealizou e criou a WikiLeaks, uma rede transnacional que, desde então, tem publicado documentos confidenciais de governos, corporações e instituições. Nas palavras de Julian, “a essência do que estamos a tentar atingir é a privacidade para o indivíduo, transparência para as instituições de segurança pessoal como denunciante garantida através do anonimato”<sup>33</sup>. Entretanto, como o grupo de Assange obtém informações e por qual meio eles divulgam-nas sem causar represálias aos *Whistleblowers* (denunciantes)?

A rede aceita todo o tipo de documentos privados sobre política, ética, diplomacia, etc., em referência a qualquer pessoa, empresa ou governo do mundo. Os seus sistemas de anonimato desenvolvido graças às tecnologias da informação são do mesmo nível que os organismos militares. Inspirados pelos ideais *cyberpunks* da livre circulação de informações e por evocar memórias legadas ao esquecimento, a organização *WikiLeaks* tem como objetivo principal divulgar e promover acesso às diferentes memórias virtuais do privado para o público.

O site vem divulgando assuntos que abrangem as mais diversas questões sejam elas de caráter interno de alguns países, situações de tensão, conflitos, interesses econômicos, e vem gerando uma série de controvérsias envolvendo entidades como o *Politburo* (órgão do governo chinês), a relação entre os Estados Unidos, a Arábia Saudita e o Irã, [...] os presos de Guantânamo, a Síria e as armas do Hezbollah, o temor de cyber-ataques da China, a preocupação dos Estados Unidos com a suposta presença de membros da Al Qaeda, Hezbollah e Hamas na tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina.<sup>34</sup>

É dentro deste contexto da globalização hipermoderna, das relações bilaterais e multilaterais, de uma sociedade em rede e informativa, que a organização WikiLeaks com ideais transnacionais e cosmopolitas se consolidam ao promover acesso instantâneo às mais diversas memórias virtuais sobre qualquer parte do planeta. Todavia, eis uma questão: seria as divulgações da WikiLeaks o sinal definitivo de que o predomínio do segredo nas relações internacionais não mais se sustenta no contexto da atual hipermodernidade? Esse foi um ponto questionado a partir das publicações de 2010.

Ao divulgar uma série de arquivos pertencentes ao governo dos Estados Unidos da América, Assange e a organização tiveram forte projeção internacional. Em parceria com jornais como *The Guardian* (Reino Unido), *Der Spiegel* (Alemanha), *The New York Times* (Estados Unidos), *Le Monde* (França) e *El País* (Espanha), foram divulgados mais de 70 mil relatórios militares

---

<sup>33</sup>SALES, Valdemir. **WIKILEAKS I Entrevista legendada part 1/2**.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gaWxCzQnDR0>. Acesso em: 04 de dezembro de 2016.

<sup>34</sup>DOMINGOS; COUTO. **WikiLeaks: Segredos, Informações e Poder**, p.38.



secretos sobre a Guerra do Afeganistão – *Afghan War Diary*<sup>35</sup> –, mais de 400 mil relatos de campo na Guerra do Iraque – *Iraq War Logs*<sup>36</sup> – e mais de 250 mil relatórios diplomáticos das embaixadas dos Estados Unidos ao redor do mundo – o *Cablegate*<sup>37</sup>.

Foi o maior vazamento de documentos secretos da história. O WikiLeaks enfureceu a mais poderosa superpotência do mundo, constrangeu a família real britânica e ajudou a causar uma revolução na África. O homem por trás de tudo isso é Julian Assange, uma das figuras mais estranhas a se tornar celebridade mundial.<sup>38</sup>

Assange obteve os documentos dos EUA por meio do *whistleblowers* Bradley Manning, soldado estadunidense que estava em serviço no Iraque, durante a ocupação do país norte americano. Ele conseguiu os quatro blocos de documentos confidenciais através de uma base de dados que tinha acesso diariamente. Esses documentos confidenciais foram enviados para Assange através da internet, uma vez que o mesmo se encontrava Inglaterra. Isso faria a organização de Assange, durante o ano de 2010, divulgar um número exorbitante de documentos confidenciais, sendo o maior vazamento da história em relação a documentos governamentais.

Em abril do ano citado no parágrafo anterior, viria a primeira parte das publicações dessas informações através de um vídeo impactante, o *Collateral Murder*. O vídeo mostrava militares estadunidenses em um helicóptero de guerra Apache matando a tiros doze civis no subúrbio de Nova Bagdad, no Iraque. Após a divulgação, as imagens do vídeo tiveram sua autenticidade confirmada<sup>39</sup>.

Em 2007, durante uma ação em Nova Bagdad, Iraque, dois helicópteros Apache do exército dos EUA confundiram jornalistas da Reuters e seus respectivos equipamentos (câmeras fotográficas) com “insurgentes” portando AK-47 e RPG (lança granadas). Em poucos minutos o agrupamento de pessoas foi brutalmente assassinado pelo ataque dos helicópteros. Uma dezena de pessoas foi assassinada sem mostrar qualquer tipo de ameaça. Duas crianças foram gravemente feridas no ataque.<sup>40</sup>

---

<sup>35</sup>WIKILEAKS. **Afghan War Diary, 2004-2010.**

Disponível em: [https://www.wikileaks.org/wiki/Afghan\\_War\\_Diary,\\_2004-2010](https://www.wikileaks.org/wiki/Afghan_War_Diary,_2004-2010). Acesso em: 20 de outubro de 2016.

<sup>36</sup>\_\_\_\_\_. **Irq.** Disponível em: <https://wikileaks.org/irq/>. Acesso em: 20 de outubro de 2016.

<sup>37</sup>\_\_\_\_\_. **Publiclibraryof US diplomacy.**

Disponível em: [https://wikileaks.org/plusd/?qproject\[\]=cg&q=#result](https://wikileaks.org/plusd/?qproject[]=cg&q=#result). Acesso em: 20 de outubro de 2016.

<sup>38</sup>LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado.** Campinas: Verus, 2011, p.338.

<sup>39</sup>VEJA. **CollateralMurder (versão integral WikiLeaks).**

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5dgKAXPbJ0w>. Acesso em: 08 de dezembro de 2016.

<sup>40</sup>TV, Passapalavra. **Assassinato Colateral.** Disponível em: <http://passapalavra.info/2010/04/22066>. Acesso em: 28 de março de 2017.



No dia seguinte ao ataque, o exército norte-americano explicou a morte dos funcionários da agência *Reuters* como parte de um confronto entre suas tropas e insurgentes. Um porta-voz militar disse ao jornal norte-americano *The New York Times* que "não há dúvida que as forças de coalizão estavam claramente em meio a operações de combate contra uma força hostil"<sup>41</sup>.

Apesar do impacto negativo causado em todo o globo após sua divulgação, nenhum dos militares desmascarados pelo vídeo foi processado. Nenhum dos soldados que assassinou a sangue frio a toda uma família iraquiana, inclusive mulheres e bebês, foram levados à justiça. Fica evidente que a Casa Branca mantém uma política oficial de ignorar e encobrir a prática generalizada de torturas no Iraque que George Bush ordenou invadir e ocupar desde 2003<sup>42</sup>, na Guerra ao Terror. Mas, diante disso, quem seriam os terroristas? É preciso voltar ao fato histórico marcante do século XXI, os atentados terroristas contra os Estados Unidos da América no dia 11 de setembro de 2001.

O dia 11 de Setembro de 2001 é marcante na história do tempo presente. Os indivíduos que vivenciaram esta data emblemática, possivelmente, não se esquecem das cenas de terror sofridas pelos Estados Unidos da América – a primeira vez em séculos de história. Uma tragédia chocante pelas cenas dos aviões comerciais sendo lançados em símbolos dos poderes econômicos e militares estadunidense. Depois deste acontecimento o mundo nunca mais foi o mesmo, não apenas as estruturas das Torres Gêmeas e da Inteligência norte-americana foram alvejadas neste dia, Estados de todos os continentes também sofreram o impacto e se viram enredados em uma trama sombria de implicações que perduram até hoje: a luta a ferro e fogo do Ocidente, encabeçada pelos Estados Unidos, contra um inimigo denominado terrorismo internacional. Desde então, o planeta vive os desdobramentos da empreitada que já vitimou milhares de pessoas, sobretudo, no Oriente Médio<sup>43</sup>.

A partir dessa perspectiva, fica evidente que os ataques de 11 de setembro de 2001 foram um marco importante na história mundial deste início de século. E isso se deve não somente pelo fato de os Estados Unidos terem sido o alvo dos ataques, mas, sobretudo, por esse episódio ter

---

<sup>41</sup> EFE, Agência. **Vídeo contesta versão dos EUA sobre morte de iraquianos.** Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/3542/video+contesta+versao+dos+eua+sobre+morte+de+iraquianos+.shtml>. Acesso em: 26 de março de 2017.

<sup>42</sup> BAYO, Carlos Enrique. **Conselho de guerra contra quem revelou os crimes de guerra.** Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/dialogosdosul/conselho-de-guerra-contra-quem-revelou-os-crimes-de-guerra/17062013/>. Acesso em: 26 de março de 2017.

<sup>43</sup> PELLEGRINI, Ramon. O Terrorismo após os ataques em 11 de setembro de 2001: Medo e violência como fator de controle. Salzburg: **Novas Edições Acadêmicas**, 2017, p. 12



desencadeado reações diversas em todo o sistema internacional. O efeito colateral imediato dos atentados terroristas em território americano foi à causa da estruturação e aplicação da chamada Guerra ao Terror, iniciada pelo então presidente estadunidense George W. Bush, a partir de 2001, no Afeganistão.

A guerra Afegã provocou durante anos uma enorme desconfiança sobre as estratégias bélicas dos exércitos ocidentais. Essa desconfiança advinha, segundo o representante do governo do Reino Unido no Afeganistão Sir Sherard Cowper-Coles, porque na verdade “a campanha militar no Afeganistão não [foi] adequadamente supervisionada ou controlada. A lista de efeitos de prioridade conjunta não é submetida a nenhuma supervisão política genuína – é conduzida pelos [próprios] militares”<sup>44</sup>. Essa afirmação estava contida em um dos milhares de documentos divulgados pela WikiLeaks em julho de 2010. As memórias subterrâneas legadas ao encobertamento e esquecimento emergiram perante a rede mundial de computadores, a partir da segunda divulgação sobre os EUA, um escoamento de 75 mil diários militares sobre a guerra no Afeganistão, em que os documentos “comprovaram centenas de assassinatos indiscriminados de civis pelas forças dos EUA”<sup>45</sup>.

O Talibã, base terrorista que governava o Afeganistão – primeiro país a ser invadido pelos Estados Unidos na Guerra ao Terror, em 2001 –, foi considerado como o mentor e reproduzidor dos atentados terroristas nos EUA, e o ponto de ligação entre ele e o governo iraquiano se dava na defesa da ideia de que Saddam Hussein – e a Al-Qaeda – estaria ligado ao Talibã e desenvolvendo Armas de Destruição em Massa (ADM). Por conseguinte, colocaria em risco a segurança coletiva internacional, e, principalmente, a dos Estados Unidos. Esse fato, na visão americana, justificava a ação militar contra o Iraque e garantia apoio doméstico à sua empreitada<sup>46</sup>.

O Iraque foi invadido em 2003 e instaurou uma carnificina no país. Nunca foi encontrado no território Afegão e Iraquiano armas de destruição em massa, mas houve a destruição de milhares de civis desses países do Oriente Médio. Em outubro de 2010, a WikiLeaks divulgou outro bloco de documentos confidenciais dos Estados Unidos da América, agora sobre a guerra no Iraque.

---

<sup>44</sup>LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas: Verus, 2011, p.127.

<sup>45</sup>ASSANGE, Julian. **Cypherpunks: liberdade e o futuro da internet**. Trad. Cristina Yamagami; São Paulo: Boitempo Ed., 2013, p.11.

<sup>46</sup>PECEQUILO, C. S. **A política externa dos Estados Unidos**. Editora da UFRGS. 2ª edição. Porto Alegre, 2005.





[Antes do vazamento] se encontrávamos um homem que tinha sido torturado, nos diziam que era a propaganda terrorista; se descobríamos uma casa cheia de crianças mortas em um ataque aéreo dos EUA, também era propaganda terrorista, ou dano colateral, ou uma simples frase: nós não temos nenhuma informação sobre isso. [...] Aqui está à evidência da vergonha norte-americana. É um material que pode ser usado por advogados em tribunal.<sup>47</sup>

A organização WikiLeaks divulgou mais de 400 mil relatos de campo sobre a ocupação do país por parte do exército estadunidense, comprovando torturas e assassinatos de prisioneiros. Isso pôde ser visto no vídeo *Collateral Murder*.

Os diários de guerra do Iraque tratavam de números. Tanto a administração norte-americana quanto o primeiro-ministro britânico recusavam-se a admitir quantos iraquianos comuns haviam sido assassinados desde a duvidosa “libertação” do país pelas tropas dos dois países. O general Tommy Franks foi amplamente citado, em 2002, ao dizer: “Não fazemos contagem de corpos” – um ano antes de conduzir a invasão militar norte-americana ao Iraque.<sup>48</sup>

Dentro da visão oficial dos governos de Bush (Estados Unidos) e Blair (Reino Unido), foram registrados “4.748 soldados das tropas americanas e aliadas perderam a vida até o Natal de 2010”<sup>49</sup>. Porém, a publicação de outubro trouxe uma nova versão contraoficial. A organização extraoficial *Iraq Body Count*<sup>50</sup> vinha fazendo um levantamento do número de óbitos no país. “No fim de 2010, o IBC concluiu que o número total de mortes documentadas de civis pela violência no Iraque, desde 2003, variava de 99.383 e 108.501 [cadáveres]”<sup>51</sup>.

Em outro relatório vazado, de 11 de setembro de 2005, um soldado descreve uma operação na cidade de Ar Rutba: “Foi colocada uma carga explosiva na porta de uma casa suspeita, enquanto eram conduzidos cordão e pesquisa em Ar Rutbah. Ao entrar na casa, os marines descobriram três NWIA. Os NWIA consistiam de um menino de dez anos, uma menina de dez anos e um menino de dois anos, todos sofriam de graves ferimentos de explosão”. No pé da página do documento há a nota: “Eventos que podem criar reação política, da mídia ou internacional”.<sup>52</sup>

---

<sup>47</sup> ROSSI, Amanda. **Escândalo do WikiLeaks reativa debate sobre a guerra do Iraque**. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/7288/escandalo+do+wikileaks+reativa+debate+sobre+a+guerra+no+iraque.shtml>. Acesso em: 23 de março de 2017.

<sup>48</sup> LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas: Verus, 2011, p.132.

<sup>49</sup> LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**, p.133.

<sup>50</sup> Contagem de Corpos do Iraque - IBC, uma ONG do Grupo de Pesquisa de Oxford.

<sup>51</sup> \_\_\_\_\_ . **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**, p.135.

<sup>52</sup> ROSSI, Amanda. **Escândalo do WikiLeaks reativa debate sobre a guerra do Iraque**. Disponível em: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/7288/escandalo+do+wikileaks+reativa+debate+sobre+a+guerra+no+iraque.shtml>. Acesso em: 27 de março de 2017.



Este banho de sangue foi justificado pelos governos dos Estados Unidos, Reino Unido e aliados, para salvar os iraquianos do ex-ditador Saddam Hussein, a própria “encarnação do mal”, morto em 2006.

As consequências das guerras para o Iraque e Afeganistão foram terríveis. Para Aquino, a intervenção “desastrosa” dos EUA na região transformou um país em “uma cratera a céu aberto”, observou. “Mesmo que os EUA retirem todas as suas tropas, como será possível acabar com a guerra civil?”<sup>53</sup>

No século XX, a diplomacia passou por uma tendência estrutural de decadência frente ao surgimento de ações paradiplomáticas e a difusão das tecnologias de informação e comunicação em um período caracterizado por uma preponderante dinâmica bélica. A I e II Guerra Mundial e a Guerra Fria, a despeito de terem existido momentos de curta duração quanto de expansão reativa da diplomacia institucional por meio da construção de uma arquitetura multilateral com novos Estados Nacionais e novos organismos internacionais, também foram fatores contribuintes para essa decadência estrutural.

No século XXI, o relativo monopólio da política externa pela diplomacia tornou-se suscetível à dinâmica contextual das redes de informação e comunicação que impactaram por meio de uma menor dependência das chancelarias para a tomada de decisão, como também por meio dos crescentes bombardeamentos trazidos pelo vazamento de documentos, relatórios e conversas confidenciais desde o surgimento da WikiLeaks. Tal fenômeno implodiu a histórica lógica de segredos característicos da atividade diplomática, com repercussões em demandas de maior participação da sociedade civil na conformação da agenda externa dos países<sup>54</sup>.

No final de 2010, uma grande “dor de cabeça” para os diplomatas e governo estadunidense viria a público com uma torrente de documentos secretos, o *Cablegate*. “O vazamento publicado pelo WikiLeaks em novembro de 2010 teve uma diferença grande em relação aos demais: mexeu com um verdadeiro vespeiro que até então estava em paz no meio de Internet, que foi a questão da administração pública”<sup>55</sup>.

Os 251.287 comunicados diplomáticos de exatas 280 embaixadas e consulados estadunidenses espalhadas por 180 países seria o mais amplo relato de como funcionavam as

---

<sup>53</sup>BORGES, Thassio. **A consequência do 11/09, Guerra ao Terror trouxe prejuízos e foi mal explicada.** <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/15087/consequencia+do+1109+guerra+ao+terror+trouxe+prejuizos+e+foi+mal+explicada.shtml>. Acesso em: 27 de março de 2017.

<sup>54</sup>LAFER, C. Vazamentos, sigilo, diplomacia: a propósito do significado do WikiLeaks. **Revista Política Externa**, vol. 19, n. 4, 2011.

<sup>55</sup>DOMINGOS; COUTO. **WikiLeaks: Segredos, Informações e Poder**, p.179.



relações internacionais a partir da ótica diplomática. Este foi o maior vazamento de documentos oficiais já divulgados publicamente. Os principais jornais do mundo publicaram, no mesmo instante, um “dilúvio” de documentos secretos. *The Guardian* (Reino Unido), *Der Spiegel* (Alemanha), *The New York Times* (Estados Unidos), *Le Monde* (França) e *El País* (Espanha), jornais de grande influência no mundo, estavam divulgando naquele momento informações por meio da velha (jornais e TVs) e nova (internet) mídia que foram antes conspirativas, agora concretas, sobre o que se passa entre portas fechadas das elites que dominam os mais variados Estados-nacionais, pela ótica de diplomatas estadunidenses. O jornal, *The New York Times*, divulgaria naquele dia que

Os telegramas contam a história, sem retoques, de como o governo toma suas principais decisões, que custam ao país, sobretudo, vidas e dinheiro. [...] Eles iluminam a diplomacia em torno de duas guerras atuais[...] Por mais assustador que seja publicar tal material contra as objeções oficiais, seria arrogância concluir que os americanos não têm o direito de saber o que está sendo feito em seu nome.<sup>56</sup>

Os jornalistas do *The Guardian*, David Leigh e Luke Harding, fizeram um resumo do que os documentos abordavam em sua essência. De acordo com eles, o material

Enfatizavam interesses e preocupações geopolíticas da superpotência norte-americana: a proliferação nuclear, a suposta ameaça do Irã, a situação militar de difícil controle em Cabul e Islamabad. [...] Os telegramas discutiam casos de abuso aos direitos humanos, corrupção e ligações financeiras duvidosas entre os líderes do G8. [...] Os diplomatas norte-americanos [nos oportunizou] um vislumbre da mentalidade que rege o alto escalão do poder nos Estados Unidos. De certo modo, os telegramas eram a verdade.<sup>57</sup>

De fato, os diplomatas norte-americanos nos oportunizaram um vislumbre da mentalidade que rege o alto escalão do poder nos Estados Unidos da América. A exposição pública rompeu com a seletividade de memórias difundidas pela ideologia dominante e transformou tais lembranças nunca divulgadas anteriormente, por exemplo, em “armas revolucionárias”, como ocorreu na Primavera Árabe. Em três países árabes, Líbia, Egito e Tunísia, houve a deposição de líderes governamentais.

Na Líbia, Gadafi foi um dos mais ácidos críticos das publicações do WikiLeaks. Os telegramas revelaram a ganância e corrupção de seu regime e, de acordo com algumas reportagens, pareciam tê-lo deixado enlouquecido. [...] No Egito, os telegramas revelaram ao mundo uma visão dura e sem rodeios da brutalidade de Mubarak e seu regime. [...] Os telegramas pintaram um quadro claro das relações íntimas dos EUA com o regime. [...] Na Tunísia, foi atribuída aos

---

<sup>56</sup>LEIGH, David; HARDING, Luke. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**. Campinas: Verus, 2011, p.201.

<sup>57</sup>LEIGH; HARDING. **WikiLeaks: a guerra de Julian Assange contra os segredos de Estado**, p.213.



telegramas influência direta sobre o evento que veio a ser conhecido como a Revolução do Jasmim. Nos estágios iniciais dos protestos políticos de massa na Tunísia, o influente grupo de blogueiros Nawat criou um sítio Web denominado TuniLeaks e divulgou amplamente os telegramas aos tunisianos. Os telegramas confirmavam que os EUA viam o presidente Ben Ali como um tirano corrupto e brutal e estimulou a crescente revolta. A Anistia Internacional considerou o WikiLeaks e seus parceiros na mídia como “catalisadores” do movimento popular que depôs Ali.<sup>58</sup>

Por fim, a WikiLeaks não foi mais uma instituição que pretendia criar ideais conspirativos contra os regentes da nova ordem mundial, mas, demonstrar, por meio de documentos primários de membros do exército, os desastres ocorridos no Afeganistão e Iraque na Guerra contra o terrorismo internacional encabeçado pelos Estados Unidos da América após os ataques às Torres Gêmeas e ao Pentágono. Fica evidente também que os documentos diplomáticos colocaram em cheque inúmeros líderes mundiais, bem como influenciaram no movimento revolucionário que começou em 2011, a Primavera Árabe.

Dentro disso, podemos analisar a partir do *Cablegate* que houve nessas publicações uma verdadeira tragédia para a diplomacia americana, afetando todas as relações bilaterais dos EUA em todo o mundo. Os EUA passam a dispor de menos interlocutores em todas as instâncias das quais participam e em todos os países nos quais trabalham seus diplomatas. Qual é o agente público que vai querer conversar com um diplomata/embaixador americano, a partir de agora, que essas conversas poderão ser reveladas em curto prazo pela WikiLeaks? Qual é o simples cidadão que vai continuar confiando na segurança das informações detidas pelos EUA, quando um simples soldado (Bradley Manning) em um posto obscuro (no Iraque) da máquina imperial pode ter acesso a esses expedientes e divulgá-los livremente para o mundo inteiro?<sup>59</sup>

### Considerações finais

Neste artigo foi exposto o atual contexto histórico e a organização dos novos tempos proporcionados pela internet. Tempos de novas organizações, produções e reproduções socioculturais, políticas e econômicas. Tempos de uma nova mídia, de novas informações e conhecimentos, de uma nova sociedade e seus agentes em proporções globais. A organização WikiLeaks não é um fato em si finalizada, pois até hoje os continuam “vazando” documentos confidenciais de qualquer parte do planeta. Inclusive, recentemente divulgaram documentos

---

<sup>58</sup>TIMM, Trevor. **Um ano de Cablegate: Como WikiLeaks influenciou a política externa, o jornalismo e a Primeira Emenda.** Disponível em: <https://www.politics.org.br/edicoes/um-ano-de-cablegate-como-wikileaks-influenciou-politica-externa-o-jornalismo-e-primeira>. Acesso em 29 de março de 2017.

<sup>59</sup>ALMEIDA, Paulo Roberto de. **WikiLeaks-Brasil: qual o impacto real da revelação dos documentos?** Disponível em: <https://www.mundorama.net/?p=8334>. Acesso em: 28 de março de 2017.



secretos (*e-mails*) sobre a então candidata democrata dos Estados Unidos da América, Hillary Clinton, influenciando diretamente na votação local<sup>60</sup>, e uma suposta atividade *hacker* da CIA de vigilância global<sup>61</sup>.

Demarcar o tempo e espaço de análise foi essencial para mostrar não apenas informações desconexas em seu contexto. Todos os documentos divulgados pela instituição serviram-nos para compreender como a internet viabilizou um novo meio para divulgar a “sujeira” dos Estados Unidos e suas megacorporações (exemplo dos Estados Unidos), principalmente com suas ações assimétricas nos países pobres (exemplo do Afeganistão e Iraque).

Pensar no modelo de funcionamento, organização e divulgação da WikiLeaks é algo incomum para outro tempo e espaço. Mas, por quê? Primeiro, a organização não tem um endereço físico, sua residência está constituída na rede mundial de computadores. Segundo, se não fosse através da internet, como o ex-soldado estadunidense Bradley Manning em 2010 roubaria milhões de dados confidenciais que estavam numa base de dados do Iraque e conseguiria enviá-los para Julian Assange na Inglaterra? Ou melhor, como conseguiria levar todos esses documentos pessoalmente?

Em quais circunstâncias e por qual meio a WikiLeaks divulgaria os documentos para que todos os cidadãos de qualquer continente obtivessem acesso? Pelos jornais, rádios, revistas? Se houvesse possibilidade, durariam muitos anos para conseguirmos abranger todas as informações publicadas. Dentro dessa perspectiva, a hipermodernidade, por ser um contexto perpetrado pelo hipercapitalismo liberal movimentado por hiperindivíduos, uma sociedade em rede e globalizada pelas tecnologias da informação, tendo ainda a nova mídia (internet) como eixo, proporciona ao indivíduo informações sobre múltiplos acontecimentos, e os ideais *cyberpunks* podem ser praticados em sua essência numa busca constante pela verdade, com mais transparências e menos confidências nas relações internacionais.

Em relação aos documentos citados no artigo, é constrangedor assistirmos a um vídeo como o *Collateral Murder* numa espécie de jogo fictício orquestrado por soldados estadunidenses contra civis indefesos. A Guerra ao Terror, empregada pragmaticamente pelos Estados Unidos, a

---

<sup>60</sup>BBC. **12 revelações embaraçosas sobre Hilary Clinton em e-mails vazados pelo WikiLeaks.** Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/10/12-revelacoes-embaracosas-sobre-hillary-clinton-em-e-mails-vazados-pelo-wikileaks.html>. Acesso em: 22 de dezembro de 2016.

<sup>61</sup> G1. **WikiLeaks divulga documentos que revelam suposta atividade hacker da CIA.** <http://g1.globo.com/mundo/noticia/wikileaks-diz-ter-publicado-documentos-que-seriam-da-cia.ghtml>. Acesso em: 27 de março de 2017.



despeito das críticas e das reprovações, foi um episódio marcante dessa dinâmica internacional de combate ao terrorismo. É constrangedor também vermos um desastre geopolítico no Afeganistão e as torturas de milhares de civis. Assim como o que aconteceu no Iraque, um banho de sangue e inúmeros óbitos, numa espécie de abatedouro civil com práticas medievais. Da mesma forma a opinião de diplomatas espalhados por todo o planeta, relatando detalhes e críticas contra líderes governamentais que, por exemplo, influenciou diretamente na Primavera Árabe em 2011.

Dentro de nossas limitações, conseguimos levar ao leitor uma compreensão do que foi orquestrado pela WikiLeaks, através de suas publicações. Fica também um almejar enquanto historiador, para que os historiadores tenham e utilizem a documentação divulgada pela organização como meio de produção de pesquisas científicas, uma vez que a base de dados disponibilizados gratuitamente contém documentos de inúmeros países em suas relações contemporâneas. Documentos que nos leva a uma maior compreensão da história do tempo presente, em que múltiplos Estados ricos em suas relações transnacionais vêm suas ações divulgadas ao público e a serem questionáveis. Em contrapartida, esses mesmos Estados buscam através da internet vigiar seus alvos e atacá-los quando necessário.